

## EDITORIAL

O n.º 32 da revista *Philosophica* dedica a secção *Artigos* a um tema pouco usual em revistas de Filosofia – o Jardim. Realidade mista, ao mesmo tempo humana, pelo propósito que o concebe e a acção interveniente que o vai conservando, mas sempre enraizado em bases naturais que continuam a operar para além da acção inicial, o Jardim deve ser considerado como um objecto teórico susceptível de múltiplas leituras, podendo ser reconduzido a núcleos conceptuais muito diferenciados.

Resultado embora da colaboração harmoniosa entre a Natureza viva e a cultura que o faz nascer, não pode esconder a tensão que lhe é inerente, podendo por isso a interpretação oscilar entre a acentuação de qualquer um dos pólos. Porque não há no Jardim, como na obra de arte propriamente dita, objectivação definida nem contornos fixos, sublinhar a dimensão natural será conferir o primado ao jogo de forças autónomas em constante movimento gerador e à dinâmica modeladora do tempo. Porque a Natureza produz paisagens, mas não jardins, sublinhar a dimensão humana conduzir-nos-á, por outro lado, a compreender os diversos eixos de intenções, significados e valores que nele se manifestam. Nesta perspectiva, o Jardim tem lugar numa história das ideias e das mentalidades, já que nele se podem ler categorias culturais do gosto e formas civilizacionais do seu uso. Mas também se abre à leitura da Filosofia na medida em que nele convergem questões de filosofia da Natureza, princípios estéticos e concepções antropológicas.

A diversidade de abordagens e o interesse filosófico do tema do Jardim está bem patente neste conjunto de artigos, apresentados numa sequência que vai da maior generalidade conceptual à análise de tipos concretos e casos singulares.

Adriana Verissimo Serrão debruça-se sobre o Jardim como categoria. Partindo do ponto de vista estético que subjaz a diferentes concepções da Modernidade, sublinha o facto de a determinação da essência do Jardim se ter enriquecido, na actualidade, com outras dimensões, sejam objectivas, como a ontologia e a teleologia, ou subjectivas, como a ética do cuidado.

A espiritualidade do Jardim aproxima dois autores tão afastados na história, como Santo Agostinho e o poeta Philippe Jaccottet, sendo para ambos, como defende Ana Rita Ferreira, um lugar de meditação, de aprofundamento espiritual e de múltiplas revelações.

Porque a compreensão da Natureza que está em obra no Jardim não se detém na espacialidade da superfície visível mas mergulha na profun-

didade vital da sua autopoiese, a filosofia do Jardim liga-se estreitamente a uma filosofia da Vida enquanto temporalidade intrínseca. Os artigos de Lavínia Pereira e de Joana Luís convocam pensadores fundamentais da filosofia da Vida, como Georg Simmel, Henri Bergson, Vladimir Jankélévitch e Rosario Assunto e levam-nos a entender as implicações metafísicas, ontológicas e éticas da assunção da vitalidade do fluir temporal na determinação da ideia de Natureza.

O *dossier* prossegue com a hermenêutica do caso particular de um jardim português, o “Parque dos Poetas”, em Oeiras, ressaltando da leitura do jardim como texto poético conduzida por Isabel Matos Dias a especial pregnância dos elementos singulares, como a árvore e a folha.

Partindo de um tipo paradigmático de jardim, Tiago Carvalho articula a dimensão estética e ética do jardim japonês com a filosofia taoísta que o inspira, mostrando também pontos de afinidade do modo de ver oriental com a visão teleológica do mundo natural elaborada por Kant na *Crítica da Faculdade de Julgar*.

Recorde-se, em abono da pertinência filosófica deste tema, que a revista *Philosophica* publicou já em números anteriores dois estudos afins: um de Pedro Calafate, “Teoria e arte dos jardins no século XVIII em Portugal”, no n.º 4 (1994), outro de Aurora Carapinha, “O Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian. A poética da materialidade e da temporalidade”, no n.º 29 (2007).

Os dois estudos da secção *Ensaaios* versam sobre a problemática moral. Pedro Alves, em “O conceito de direito no contexto da filosofia prática de Kant. Princípios e consequências”, mostra como a filosofia moral de Kant assenta numa matriz jurídico-política, particularmente evidente na concepção do imperativo da moralidade. Em “O horizonte da eticidade em Nietzsche”, Vânia Dutra de Azeredo apresenta uma interpretação do pensamento de Nietzsche e da teoria do *Übermensch* como uma ética do trágico.

Adriana Veríssimo Serrão